

In a landscape

(ao som de John Cage)

Samuel Pinheiro¹

I

Invariavelmente, as flores desabrocham em cálculos. Tulipas tocam a neve pelas cordas de seus caules

sobressaltando os prédios, as nuvens pairam em movimentos nulos pela recusa do sol

o silêncio é apenas um som cujo signo preenche a lapidação dos sete dias da queda de pétala

mofo e vazio entre os prédios

deslocamento de uma árvore em metamorfose: o último sopro da nova criação

II

Restos de concreto permutam no amarelo enegrecido de navalhas ofuscantes

avanço marítimo sobrevoa as vozes que se derretem na brisa metálica

espumas esvoaçam e escurecem no orvalho da chuva

sem ruído, tudo cresce. Escarpados tons

ondas cortam em pigmento envelhecido os mapas esfacelados

desmontam-se laços de uma flor

neve paira na rua vazia

madrugada torna-se audição do tempo

III

¹ Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Paulo. Participou da antologia 14 Novos escritores brasileiros, organizada pela escritora e poeta Adriana Lisboa.

Metais enrijecem as células do pensamento desmanchado
quadrados, ziguezagues e triângulos tornam-se as montanhas que assistem o mundo
sussurros, escamoteamentos são a escavação de um poço
desdobram-se as janelas circunscritas em curva.

IV

Reflexos brilham nas paragens triangulares

um traço

uma letra

desconhecida

palimpsestos corpóreos de angústia.

No mais tardar do barro que nos envolve, vultos de espelhos fulguram

passagens de peregrino e paisagens de branco transfiguram-se nos traços de desaparecimento

galhos caem

som

vento

frio.